

A vocação, à qual fomos  
chamados, não poderia ser  
maior e nem mais nobre (CT 1)

Carta da Direção Geral aos confrades  
por ocasião do Ano Jubilar Xaveriano 2020-2021

**iQUADERNI**

de iSaveriani

**114**

PORTUGUÊS

CARTA AOS CONFRADES



MISSIONÁRIOS XAVERIANOS

SEXTA CARTA CIRCULAR

A vocação, à qual fomos  
chamados, não poderia ser  
maior e nem mais nobre (CT 1)

Carta da Direção Geral aos confrades  
por ocasião do Ano Jubilar Xaveriano 2020-2021

Roma 2020

iQUADERNI 114 — Numero speciale de iSAVERIANI, luglio 2020  
Foglio di informazione dei Missionari Saveriani

Direttore Responsabile: Javier Peguero Pérez  
Redazione: Marco Milia  
Impaginazione e grafica: Gian Paolo Succu

Edizioni: CDSR (*Centro Documentazione Saveriani Roma*)

Pubblicazioni: Missionari Saveriani  
viale Vaticano 40 – 00165 Roma

Tipografia Leberit Srl  
via Aurelia 308 – 00165 Roma

# Índice dos conteúdos

INTRODUÇÃO	3
<b>I. DAR GRAÇAS A DEUS</b>	6
O CARISMA RECEBIDO	6
FAZER MEMÓRIA	7
O CARISMA PARTILHADO	9
<b>II. A NOSSA RESPOSTA</b>	11
A) DOCUMENTOS FUNDAMENTAIS	11
B) CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DO CARISMA XAVERIANO	13
Vida de Fé	13
A missão <i>ad gentes, ad extra e ad vitam</i>	13
A vida religiosa	14
A pertença à Família Xaveriana	14
O rosto humano do Xaveriano	15
C) PONTOS FORTES E FRACOS DE SERMOS XAVERIANOS HOJE	15
Pontos fortes	16
Pontos fracos	19
D) SINAIS DOS TEMPOS: OPORTUNIDADES E DESAFIOS	23
A mudança de época	23
A parte da humanidade que ainda não conhece Jesus Cristo	23
A Igreja, povo de Deus ( <i>Lumen Gentium</i> , capítulo II)	24
Uma nova maneira de ser missionário	24
A Interculturalidade como a face de Deus	25
<b>III. OLHANDO PARA O FUTURO</b>	26
A) A CLAREZA CARISMÁTICA	26
Voto de missão <i>ad Gentes</i> (C 17-19)	27
Missão <i>ad Gentes</i> e voto de Obediência (C 31-34)	28
Missão <i>ad Gentes</i> e voto de Pobreza (C 25-30)	29
Missão <i>ad Gentes</i> e voto de Castidade (C 20-24)	31

B) A INTERCULTURALIRALIDADE	33
C) O REPOSICIONAMENTO	35
D) A FAMÍLIA CARISMÁTICA XAVERIANA	38
CONCLUSÃO	39

# Introdução

“A Suprema autoridade da Igreja, como bem sabeis, aprovou definitivamente as *Constituições* da nossa Pia Sociedade, em data de 6 de janeiro, e eu agora vou entrega-las reeditadas com algumas ligeiras modificações inseridas pela Congregação Romana” (São Guido M. Conforti, *Carta Testamento* 1).

1. Com essas palavras, o bispo Conforti, na nossa Casa Mãe, começou a escrever a quinta Carta Circular enviada “aos caríssimos Missionários presentes e futuros da Pia Sociedade de São Francisco Xavier para as Missões Estrangeiras”. O objetivo desta carta era comunicar a aprovação final de nossas primeiras *Constituições* pelo dicastério romano. Nela ele convidou, antes de tudo, “a agradecer ao Senhor” e, ao mesmo tempo, chamou a atenção “para o compromisso grave e solene que acabamos de assumir perante Deus e a Igreja” (ct 1). Era o dia 2 de julho de 1921.

Na programação da Direção-Geral (DG) para o período de 2017-2023, no ponto 2.2, referente ao documento do XVII Capítulo Geral sobre Identidade Carismática, nós escrevemos: “Seguindo o espírito desse documento sobre a Identidade xaveriana, pensamos em valorizar, particularmente o primeiro centenário das primeiras *Constituições* e da *Carta Testamento*, que coincide também com o aniversário dos 125 anos da fundação do Instituto, dedicando-lhe um ano completo, um ano jubilar de julho 2020 a julho 2021” (*I Quaderni de iSaveriani* 102, p. 10).

2. Esta carta, que publicamos exatamente cem anos após a *Carta do Testamento* (CT) do bispo Conforti, foi preparada para ajudar-nos a viver intensamente este ano de jubileu como Família. Acima de tudo, queremos lembrar e sublinhar alguns princípios essenciais da vida xaveriana que devem fornecer conteúdo e orientar o que foi planejado ou será planejado para apoiar e dar um novo impulso ao nosso serviço missionário ad gentes, seja a nível pessoal, local, seja em nível de circunscrição e também a nível geral.

A carta tem como título uma frase escrita pelo bispo Conforti no início da CT: “Portanto, cada um de nos esteja pois intimamente convicto que a vocação, à qual fomos chamados, não poderia ser maior, nem mais nobre, “ (CT 1). Começamos pela observação de um grande fato: somos guardiões de um dom maravilhoso, colocado livremente pelo Senhor em nossos corações e em nossas mãos. Um dom que nos é dado para fazê-lo dar frutos cem

vezes mais daquilo que recebemos. Da nossa parte, portanto, é preciso muito comprometimento e responsabilidade.

3. A carta é dividida em três partes. Na primeira parte, agradecemos ao Senhor pelo dom recebido, pelos confrades que viveram e que vivem hoje a novidade profética do carisma xaveriano encarnado nos quatro continentes onde estamos, e pela extensão do carisma a todo o povo de Deus.

A segunda parte, que é a mais extensa, é dedicada à resposta que, como filhos de Conforti, estamos dando ao dom recebido. A princípio, lembramos os documentos fundadores de nossa Família e as características essenciais do Carisma Xaveriano. Continuamos com uma breve análise de alguns aspectos relacionados à nossa experiência, destacando os pontos fortes e fracos que caracterizam nossa realidade hoje. Concluímos esta parte indicando alguns sinais dos tempos que nos desafiam e são para nós uma oportunidade da graça para podermos incorporar de maneira renovada, aqui e agora, o dom do carisma xaveriano.

Na terceira parte, partindo de nossa realidade atual, olhamos para o futuro imediato que está diante de nós, à luz dos ideais que encontramos na palavra de Deus e nos escritos xaverianos fundamentais. Nós olhamos para o futuro como Jesus Cristo fez quando ele chamou cada um de nós para segui-lo de perto na Família Xaveriana. Nós olhamos para o futuro como quando o bispo Conforti, em 3 de dezembro de 1895, iniciou esse pequeno rebanho superando grandes obstáculos, ou como quando ele escreveu a CT. Observamos o futuro como quando os confrades, reunidos no XI Capítulo Geral (1983), escreveram e aprovaram o novo texto de nossas *Constituições*. Nós olhamos adiante, também nos permitindo de sonhar, porque o Espírito de Deus nos acompanha. Somente assim podemos ser o que o Senhor nos pede e a Igreja espera de nós.

Decidimos deliberadamente abundar nas citações da Palavra de Deus e de nossos textos fundadores (especialmente da *Carta Testamento* e das *Constituições*). São “palavras” que nós não podemos prescindir, mas que muitas vezes tomamos como garantidas, tornando-as irrelevantes. Elas são a bússola indispensável que indica a direção que todo xaveriano deve seguir e que o ajuda a ser firme na fé, constante na esperança, perseverante na caridade.

4. No momento em que estamos terminando a redação desta carta, a pandemia do Covid-19 surgiu com as consequências mundiais que já conhecemos. Nossa família foi atingida pelo coronavírus, particularmente no seu coração, isto é, na Casa Mãe. Um bom número de confrades nos deixou. Trazemos conosco a dor da perda deles e a sensação de impotência diante de uma tragédia tão

grande. Assim, compartilhamos a realidade de muitas pessoas que são vítimas da mesma pandemia.

Neste momento em que estamos nos preparando para celebrar o ano do jubileu, o testemunho desses confrades, principalmente idosos e fisicamente frágeis, destaca o valor de uma vida vivida no amor ao Senhor na particularidade carismática xaveriana. Nada foi perdido e nada foi inútil. A memória deles permanece em nós como um legado precioso. Eles não receberão esta carta em suas mãos, mas temos certeza de que a 'lerão' juntamente com todos os confrades que nos precederam e, juntamente com o nosso Fundador, intercederão por nós nos acompanhando no caminho deste ano de jubileu.

Confiamos o acolhimento e os frutos desta carta, em particular, à intercessão de São Guido M. Conforti, nosso pai e fundador.

# I. Dar graças a Deus

5. “Nessa hora, Jesus se alegrou no Espírito Santo, e disse: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado”” (Lc 10, 21).

Ao leproso samaritano que volta louvando a Deus e agradecendo-o pelo bem recebido, Jesus faz a seguinte observação: “Não foram dez os curados? E os outros nove, onde estão? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, a não ser este estrangeiro? E disse a ele: “Levante-se e vá. Sua fé o salvou”” (Lc 17,17-19).

O agradecimento decorre da conscientização do dom recebido. A nossa história é marcada pela presença contínua de Deus. Nós somos o fruto do dom de Deus! Com o coração cheio de alegria e gratidão, façamos uma parada no caminho e digamos: obrigado, Senhor!

Nós agradecemos a Deus, em primeiro lugar, pelo dom do carisma recebido de São Guido M. Conforti, lembrando o bem que o Senhor fez e continua a fazer em nós e através de nós.

## O carisma recebido

6. “E ao convidar-vos para nos alegrarmos e agradecermos ao Senhor por este fato que é para nós uma prova indubitável da santidade e da oportunidade da instituição à qual demos o nome” (CT 1). O “fato” foi a aprovação definitiva de nossas Constituições pela Autoridade Suprema da Igreja. O sonho de Conforti, cultivado há muito tempo em seu coração, agora era reconhecido como inspirado pelo Espírito e desejado pelo próprio Deus.

As Constituições de 1983 começam com o reconhecimento dessa verdade: “O Espírito do Senhor, que anima a Igreja e renova continuamente nela a consciência de sua missão no mundo, inspirou o Bispo Dom Guido M. Conforti, a doar-se pela evangelização dos não-cristãos e a reunir numa comunidade missionária homens chamados a consagrar a Deus a sua vida pelo mesmo ideal.” (C 1).

Existem dois elementos que constituem o núcleo fundamental desse carisma particular: primeiro, “o anuncio da boa nova do Reino de Deus aos não-cristãos” (C 2) como “compromisso apropriado e exclusivo” (C

17); segundo, “*para vivermos e expressarmos mais radicalmente a nossa consagração à missão, colocamo-nos no seguimento de Cristo com os votos de castidade, pobreza e obediência. A vida apostólica e a vida religiosa são para nós um carisma único e indivisível*” (C 18).

7. Nós Agradecemos a Deus pelo carisma recebido porque, ao ingressar nesta família religioso-missionária, descobrimos a identidade que o Senhor havia reservado para cada um de nós. No carisma xaveriano, vemos e provamos o ideal de nossa vida. Reconhecemo-nos nas palavras escritas por nosso Pai Fundador: “*Cada um de nos esteja pois intimamente convicto que a vocação, à qual fomos chamados, não poderia ser maior nem mais nobre, como aquela que nos aproxima de Cristo autor e consumador da nossa fé e dos Apóstolos, que, tendo abandonado tudo, entregaram-se inteiramente, sem reserva alguma, ao seguimento dele, e que nós devemos considerar como os nossos melhores mestres*” (CT 1). E ele próprio, com um coração cheio de alegria e gratidão, conclui com esta exclamação cheia de fé: “*O Senhor não poderia ter sido mais bondoso para conosco!*” (CT 1).

## Fazer memória

8. O verdadeiro agradecimento sempre deve ser acompanhado pelo valor da fidelidade. Para isso, é necessário relembrar nossa pequena realidade que começou em 3 de dezembro de 1895. De maneira simples e humilde, mas com um certo orgulho que advém da conscientização do dom recebido e acolhido, podemos dizer que temos uma linda história porque é uma história sagrada. 125 anos! Na origem, no meio e no fim de quem somos, existe Deus. A nossa identidade é marcada pela passagem de Deus em nossa vida.

“*Senhor, tu me sondas e me conheces ... Sim! Pois tu formaste meu coração, tu me teceste no seio materno. Eu te agradeço por tão grande prodígio, e me maravilho com as tuas maravilhas!*” (Sl 139).

9. A nossa história começa com um olhar de amor de Deus por cada um de nós. Um olhar que se torna confiança, diálogo, aliança, pacto, comunhão de vida, a ponto de Deus nos confiar sua missão, que também se torna nossa missão: “*Como o Pai me enviou, eu também vos envio*” (Jo 20, 21); cada um de nós com sua particularidade (origem, cultura, idioma...), mas ao mesmo tempo com uma única identidade carismática. Por esse motivo, somos membros da mesma família religioso-missionária, herdeiros da experiência dos confrades que nos precederam e que tornaram possível que ela continuasse presente

na Igreja com seu objetivo específico. Hoje, a interculturalidade em nosso Instituto indica o caminho que Deus está preparando para nós. O *outro*, em sua especificidade, a imagem de Deus Trindade e comunhão, é um dom. O *outro* é a parte que me falta para ser o que o Senhor quer de mim.

10. Portanto, é importante *lembra de muitos confrades* que nos precederam em nossas Circunscrições e que doaram a vida pelo amor do Senhor, onde foram enviados e acolhidos. Nós nunca seremos capazes de medir o que o Espírito fez através deles. Mas uma coisa podemos dizer sem cair na auto-incensação: muitos deles foram os olhos, ouvidos, boca, mãos, pés e coração do mesmo Senhor Jesus no contexto missionário em que viveram, incorporando plenamente o que o apóstolo Paulo escreveu aos romanos: “... como poderão invocar aquele no qual não acreditaram? Como poderão acreditar, se não ouviram falar dele? E como poderão ouvir, se não houver quem o anuncie? Como poderão anunciar se ninguém for enviado? Como diz a Escritura: «Como são belos os pés daqueles que anunciam boas notícias!»... A fé depende, portanto, da pregação, e a pregação é o anúncio da palavra de Cristo” (Rm 10, 14-17).

11. É uma experiência emocionante que muitas vezes vivemos, encontrar e conhecer comunidades cristãs espalhadas em diferentes continentes, iniciadas graças à presença de uma comunidade xaveriana. É emocionante ver obras criadas pelos xaverianos e que ainda ajudam a dignificar a vida humana. Frequentemente toca o coração o fato de chegar a algumas áreas de nossa geografia xaveriana e ser recebido quase com honra, em memória dos confrades que passaram a vida naquele lugar. O amor deles por Deus foi traduzido em amor pelo povo, em “*comunhão de vida e destino*” (C 14).

Os nossos mártires são a expressão mais clara e mais significativa disso. O dom de suas vidas, na China, República Democrática do Congo, Bangladesh, Brasil e Burundi, manifesta a eloquência da vocação missionária. É interessante lembrar quantos confrades que partiram em uma missão, em quais condições, as dificuldades que encontraram ... e como fizeram “naquele lugar” a epifania do Senhor. Comovente! Os cemitérios espalhados nas diferentes circunscrições, onde muitos de nossos confrades descansam, são testemunhas. O missionário vai para permanecer.

12. Juntamente com o passado, *existe o presente*. O trabalho evangelizador que nos foi confiado na Igreja continua graças a muitos confrades que testemunham com suas vidas, muitas vezes discreta e quase anonimamente, dia após dia, a paixão de Deus pela humanidade, apaixonados e envolvidos

no advento do Reino de Deus nos quatro continentes onde estamos. Proclamação direta do Evangelho aos não-cristãos, promoção social e defesa da vida, diálogo/encontro inter-religioso e intercultural, denúncia profética do que é contrário a Deus ... nos veem envolvidos em uma única paixão: o Reino de Deus e a colaboração na realização de Seu projeto. Isso implica: aprender o novo idioma com amor e paixão; entrar como hóspede na nova terra à imagem de Moisés, que ao se aproximar da sarça ardente, é convidado a tirar os sapatos “*porque o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado!*” (Ex 3, 5); conhecer e abraçar a nova cultura; aproximar-se das pessoas a quem somos enviados, como Jesus fez com os dois discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), e amar o Deus já presente na nova realidade. A partida então é “*vivida como acontecimento pascal de uma vida que se abandona e de uma nova vida que começa, torna-se em si mesma parte do mistério da salvação para o mundo*” (C 19). É o caminho que muitos confrades fizeram e estão tomando. Por isso, agradecemos ao Senhor. O testemunho deles nos ajuda a manter os olhos fixos no ideal missionário.

## O carisma compartilhado

13. O carisma recebido é um dom do Espírito para a Igreja (C 1) e, portanto, destinado a ser acolhido pelo povo de Deus, consagrados e leigos. É a experiência que nossa família está passando. Ainda vivo o Fundador, Dom Luigi Calza, fundou na China um Instituto religioso feminino, as Irmãs de São José, que continua até hoje. Na década de 1940, o Pe. Giacomo Spagnolo, acompanhado pela Srta. Celestina Bottego, fundou o Instituto das Missionárias de Maria - Xaverianas.

Nos anos 80, leigos que frequentavam nossas comunidades, especialmente na Itália, iniciaram um caminho de identificação com o carisma xaveriano em sua condição leiga. Desde então, grupos de leigos surgiram em quase todas as circunscrições onde estamos. Recentemente, alguns grupos de famílias expressaram o desejo de aderir ao ideal do bispo Conforti. Tudo isso constitui uma bela realidade que, guiada pelo Espírito, está se desenvolvendo dando forma à *Família Xaveriana carismática*.

14. A canonização do bispo Conforti em outubro de 2011 foi um verdadeiro *kairós* para nossa família. A Igreja, reconhecendo a santidade da vida de nosso Pai Fundador, indicou-a como um modelo de vida cristã e missionária para todo o povo de Deus. Desde então, sentimos a confiança da Igreja em nossa família renovada de uma maneira particular. Confiança que deve ser

acolhida com um grande sentido de responsabilidade de nossa parte. Nós somos portadores de um grande tesouro – o carisma xaveriano – que nos foi confiado. Nós o acolhemos em nossa realidade, que é grande e vulnerável. O que nos dá serenidade, alegria e força interior é o fato de que, como diz São Paulo, “*eu não me envergonho, porque sei em quem depositei a minha fé, e estou certo de que ele tem poder para guardar o meu depósito até aquele Dia*” (2Tm 1,12).

## II. A nossa resposta

15. Passaram-se 100 anos desde que a Igreja aprovou nossas primeiras *Constituições* e 125 anos desde o dia 3 de dezembro de 1895, quando o jovem sacerdote de Parma, Dom Guido M. Conforti, começou a realizar o sonho que havia guardado durante anos em seu coração<sup>1</sup>. Nós recordamos aqui os textos fundamentais de nossa Família que, ao longo da história, até agora deram forma e conteúdo ao carisma recebido, começando pelas palavras do Fundador. Juntamente com a experiência do Instituto, eles representam nossa resposta.

### A) Documentos fundamentais

16. A quinta *Carta Circular*, mais tarde chamada *Carta Testamento*. Escrita pelo próprio bispo Conforti, no momento de apresentar a aprovação definitiva das primeiras *Constituições* (1921) pela “*Autoridade Suprema da Igreja*”, ela revela perpetuamente o coração de nosso amado Pai Fundador e é o retrato mais fiel dele. Ela manifesta sua alma, sua humanidade e seu amor paternal por nós, juntamente com as características inconfundíveis de sua espiritualidade religioso-missionária. É a mensagem mais genuína e amorosa para seus filhos “presentes e futuros”. A CT, para todo xaveriano, é o coração do Pai que fala aos corações dos filhos: “*cor cordi loquitur*” (São Francisco de Sales). O aniversário de cem anos de sua publicação não poderia ter passado despercebido. É uma oportunidade providencial de ouvir aqueles que, inspirados pelo Espírito Santo e com a mais total confiança depositada em Deus, ousou iniciar este trabalho - que somos nós - consagrados ao serviço de evangelização dos não-cristãos.

Essa carta inevitavelmente se expressa com a linguagem e a sensibilidade teológica da época. Ela deve ser lida hoje a partir do Vaticano II e à luz dos documentos mais importantes da Igreja sobre a atividade missionária e a vida consagrada: *Ad Gentes*, *Evangelii Nuntiandi*, *Redemptoris Missio*, *Vita Consecrata* e *Evangelii Gaudium*. Vamos ler esta carta: é o próprio Conforti quem fala conosco!

<sup>1</sup> “Os projetos que há tanto tempo cultivo” (cf. *Carta a padre Giuseppe Venturini*, 11 setembro 1889.

- 17. As Constituições Xaverianas.** Foram reformuladas à luz dos documentos conciliares e aprovadas no XI Capítulo Geral de 1983. Essas constituem para nós o documento normativo por excelência. O padre Gabriele Ferrari escreveu na carta de apresentação das novas *Constituições* aprovadas pela Santa Sé: “*O texto é o resultado de uma tríplice fidelidade: ao Fundador e sua inspiração original, à Igreja e à sua missão, ao mundo e às suas expectativas*”
- 18. A *Ratio Missionis Xaveriana*.** Foi aprovada em 2001, por ocasião do XIV Capítulo Geral, tendo como base e fundação as *Constituições* de 1983, com o seguinte objetivo: “*... responder melhor à esta nossa vocação... na tentativa não fácil de dizer-nos com clareza a nossa missão. (...) quem procurar grandes novidades vai ficar decepcionado. A maior novidade deve ser a fidelidade ao Carisma*” (p. III, *apresentação da DG*).
- 19. A *Ratio Formationis Xaverianae*.** Aprovada pelo XII Capítulo Geral (1989) e publicada em 1990 foi revisada e apresentada ao XVI CG (2013) e publicada em 2014. Ao aprová-la, a assembleia do capítulo propôs que fosse: “*... um forte sinal e mais uma etapa de nossa Família, um ‘reinício’ para hoje, o ‘onde’ e o ‘como’ de Deus que nos mantém imersos neste mundo e nesta Igreja que ele vê com amor e simpatia*” (XVI CG, 6). O padre Luigi Menegazzo concluiu sua carta de apresentação com um desejo: “*A RFX pode ajudar cada Xaveriano, em formação ou já em atividade, a enraizar-se nos valores profundos que devem guiar constantemente nossa vida consagrada para o primeiro anúncio de Jesus Cristo, e nos indicar, com a linguagem simples que é típica dela, as realidades às quais permanecemos fiéis*” (RFX, p. IX).
- 20.** Juntamente com esses documentos fundadores e normativos, existem os diferentes *congressos* organizados em nível geral. Eles ajudaram a redescobrir e aprimorar o tesouro carismático recebido por nosso Fundador, como aconteceu, por exemplo, no congresso de Pamplona em 1980. Mais recentemente, o congresso sobre a *espiritualidade xaveriana* em 2006 e a sobre a *Missão* em 2012, continuaram a reflexão sobre os aspectos fundamentais do nosso carisma, partindo do caminho que está sendo percorrido e das novas necessidades da missão *ad gentes*.

## B) Características essenciais do carisma xaveriano

Nós as encontramos nos documentos mencionados acima, e são estas:

### Vida de fé

21. O xaveriano tem como fundamento indispensável de sua vida e espiritualidade *“a união com a pessoa de Cristo, missionário do Pai, centro do nosso viver, fonte e inspiração do nosso pensar, amar e agir”* (C 3; cf. CT 10). O bispo Conforti nos pede que, como pessoas consagradas, de *“viver a vida de fé, que deve ser a vida do justo, em geral, e especialmente do Sacerdote e do Apóstolo, a qual nos leva a procurar e querer o agrado de Deus e não o nosso”* (CT 7). E nos mostra o caminho para escolher e seguir: *“E viveremos essa vida, se tomarmos a Fé como regra indeclinável de nossa conduta para que informe nossos pensamentos, nossas intenções, nossos sentimentos, palavras e obras”* (CT 7). A fé está no Senhor Jesus, Companheiro, Amigo, Mestre e Senhor da nossa vida.

Para cultivar a união com Cristo em nossa ação apostólica, as Constituições nos dizem: *“pedimos a Deus o espírito de oração, que é capacidade de transformar o nosso trabalho em oração continua,”* (C 42), chegando a afirmar que *“a oração é a primeira atividade do missionário, apoio da sua fidelidade e do seu compromisso apostólico”* (C 43).

### A missão ad gentes, ad extra e ad vitam

22. As Constituições expressam claramente que *“o fim único e exclusivo do Instituto é o anuncio da boa nova do Reino de Deus aos não-cristãos”* (C 2). *“Na Igreja e para o Reino recebemos do Espírito o dom de assumir, como tarefa própria e exclusiva, a missão da evangelização dos não-cristãos”* (C 17). *“Pelo nosso carisma específico, somos enviados a populações e grupos humanos não-cristãos, fora do nosso ambiente, cultura e Igreja de origem. Fiéis às preferencias de Cristo, dirigimo-nos em particular, entre os não-cristãos, aos destinatários privilegiados do Reino: os pobres, os fracos, os marginalizados pela sociedade, as vítimas da opressão e da injustiça”* (C 9). *“Pelo voto de missão nos comprometemos a dedicar toda a nossa vida à atividade apostólica específica do Instituto”* (C 19). Na mesma linha, a RMX reitera: *“Com alegria e gratidão para com o Senhor aceitamos o dom de sermos escolhidos para sermos enviados para a missão Ad Gentes, Ad Extra e Ad Vitam. Para a nossa Congregação estas características são irrenunciáveis e se iluminam entre si”* (RMX 10).

## A vida religiosa

23. “Para vivermos e expressarmos mais radicalmente a nossa consagração à missão, colocamo-nos no seguimento de Cristo com os votos de castidade, pobreza e obediência. A vida apostólica e a vida religiosa são para nós um carisma único e indivisível” (C 18). Sobre esse ponto, a RMX declara: “O Fundador nos queria como uma família de missionários consagrados, no caminho da vida religiosa: ‘a vida apostólica, unida à profissão dos votos religiosos, constitui por si o que de mais perfeito se pode conceber, segundo o Evangelho’ (CT 2). Para ele, a missão, a obra do Espírito Santo, é uma realidade tão grande que exige uma doação total, a ponto de sacrificar tudo: a família, o país, os afetos mais queridos e legítimos. Nossa consagração missionária expressa essa totalidade da doação” (RMX 14).

## A pertença à família Xaveriana

24. O bispo Conforti fala de “um espírito de amor intenso para a nossa Família Religiosa, que devemos considerar como mãe e de caridade à toda prova pelos membros que a compõem” (CT 10). As nossas Constituições destacam, enfatizando fortemente, a origem e o significado dessa dimensão constitutiva de nossa consagração. “O Senhor, por meio do Fundador, nos reuniu numa família religiosa, para tornar presente entre os não-cristãos a Igreja que é comunhão e fraternidade nova em Cristo” (C 35). E ela nos mostra como torná-la presente concretamente: “Como família compartilhamos tudo: fé, compromisso apostólico, esperanças, alegrias, preocupações, bens espirituais e materiais” (C 35).

Querendo atualizar esse número das Constituições, a RMX afirma: “Fascinados pelo Senhor Jesus e pela sua causa, nós Xaverianos, movidos e sustentados pelo Espírito Santo, somos chamados a viver a nossa vocação na koinonia, conscientes de que a comunidade é em si mesma e por si mesma já um testemunho missionário, que o sujeito missionário mais crível não é o indivíduo e sim a comunidade. Deste modo, somos chamados a conformar a nossa vida pessoal e comunitária às exigências daquilo que anunciamos. Na comunidade (lugar de conversão) evangelizamo-nos mutuamente; na comunidade (lugar de partilha) verificamos as motivações fundamentais do nosso agir; na comunidade (lugar de discernimento) ajudamo-nos reciprocamente para vivermos uma maior fidelidade ao Reino e à tarefa que a Igreja nos confiou” (RMX 19).

## O rosto humano do xaveriano

25. Assim como a humanidade de Jesus Cristo tem sido uma ponte para o encontro de pessoas com Deus, o Xaveriano é chamado a fazer de sua humanidade uma ponte - e não um obstáculo - para o encontro de outras pessoas com Jesus Cristo (cf. PDV 43; LG 8). Nossa Fundador já queria que “*como missionários, tivéssemos grande abertura de horizontes, capacidade de adaptação sustentada por uma humanidade rica e equilibrada, e cultura correspondente às necessidades da nossa missão*” (C 4). Portanto, o xaveriano, como dizem nossas Constituições, deve ser caracterizado por “*uma personalidade dotada de caráter equilibrado, na lealdade, na serenidade, na criatividade, no sentido do outro, na capacidade de escutar, acolher e partilhar*” (C 58). Além disso, a RMX insiste na humanidade dos Xaverianos, para que cada comunidade se torne “*um lugar onde todos se sintam amados, aceitos em seus limites e valores, respeitados, ouvidos; um lugar de gratuidade, amizade e perdão;*” (RMX 30.1).

Por essa razão, desde o início, para o xaveriano, é necessário “*desenvolver as qualidades humanas fundamentais para a vida xaveriana*” formando-se “*para expressar os próprios sentimentos para refletir sobre as próprias motivações, para controlar as próprias emoções e para gerir serenamente a própria sexualidade e para crescer na abertura e na transparência em vista de um amadurecimento psico-afetivo proporcionado à idade e às escolhas a serem cumpridas*” (RFX 213). Portanto, é de suma importância prestar atenção e cultivar continuamente a qualidade de nossa humanidade, tendo em vista as necessidades de nossa vocação missionária e tornando credível o que anunciamos.

### C) Pontos fortes e fracos de sermos xaverianos hoje

26. Desde o início, a vida da família Xaveriana foi caracterizada por luzes e sombras. O objetivo desta carta não é fazer uma lista deles, mas sim, de acordo com o que foi dito nos XVI e XVII Capítulos Gerais, respectivamente nos documentos “*Recomeçar a partir do Primeiro Anúncio*” e “*Envolvidos no sonho de Deus*”, para colocar em destaque aqueles pontos fundamentais que são nossa força e aqueles que compõem nossa fraqueza. O primeiro para fortalecê-los, o segundo para vencê-los.

## Pontos fortes

### A NOSSA FÉ

27. A fé é a base e o fundamento do que somos. “*Ele, porém, deu o poder de se tornarem filhos de Deus a todos aqueles que a receberam, isto é, àqueles que acreditam no seu nome. Estes não nasceram do sangue, nem do impulso da carne, nem do desejo do homem, mas nasceram de Deus*” (Jo 1,12-13). Cremos no Deus que Jesus Cristo nos revelou, Aquele que “*está conosco*” (Mt 1,23). Nós somos crentes! E esta é a nossa força.

Sim, porque a fé é a força e o poder de Deus, como também diz o autor da carta aos Hebreus, refazendo a história da salvação: “*Pela fé, Abraão, chamado por Deus, obedeceu saindo para um lugar sem saber para onde estava indo ... Pela fé Isaac ...; pela fé Jacó*” (Hb 11,1ss.). Nós também, então, “*estamos rodeados dessa grande nuvem de testemunhas. Deixemos de lado tudo o que nos atrapalha e o pecado que se agarra em nós. Corramos com perseverança na corrida, mantendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumador da fé*” (Hb 12, 1-2). Diante de uma realidade tão grande, nos sentimos pequenos e inadequados. Por esta razão, como os apóstolos sentimos diariamente a necessidade de dizer ao Senhor: “*Aumenta a nossa fé*” (Lc 17,5).

Também temos a certeza de sermos amados por Deus, o seu amor nos acompanha desde o ventre materno (cf. Jr 1,4-8). É sobre esse amor eterno que nossa vida deve ser oferecida. Nós somos o fruto do amor de Deus e consagramos a ele o que dele recebemos: “*Ninguém pode receber alguma coisa se esta não lhe for dada do céu*” (Jo 3,27). Então nossa fé nos abre para o abandono confiante, para se libertar de qualquer apego às coisas materiais, tornando-se missionários não para um projeto ou capricho pessoal, não para um lugar, mas para o plano de Deus: “*Assim também vocês: quando tiverem cumprido tudo o que lhes mandarem fazer, digam: ‘Somos empregados inúteis; fizemos o que devíamos fazer’*” (Lc 17,10).

Por fim, tornamos as palavras de São Paulo nossas: “*Já que vocês aceitaram Jesus Cristo como Senhor, vivam como cristãos: enraizados nele, vocês se edificam sobre ele e se apoiam na fé que lhes foi ensinada, transbordando em ações de graças*” (Cl 2,6-7).

### COMPROMISSO COM O REINO DE DEUS

28. “*O tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia*” (Mc 1, 15). Estas são as primeiras palavras ditas por Jesus que encontramos no evangelho de Marcos. O Reino de Deus é o seu plano de amor pela humanidade. Acreditar em Deus implica, portanto, aderir

ao seu projeto e recebê-lo como nosso. As *Constituições* falam claramente da centralidade do Reino de Deus na vida missionária: “O Instituto se coloca a serviço total do Reino de Deus na Igreja, que constitui no mundo a sua semente e o seu sacramento. A nossa missão pede de proclamar o Reino de Deus onde ainda não é reconhecido, de denunciar tudo o que a ele se opõe, de apontá-lo já presente nos sinais, de colaborar com a sua vinda” (C 7).

“Pelo advento deste Reino na história dos homens, nos colocamos ao lado deles a caminho, para tornarmos, todos juntos, homens livres, que promovem a justiça e a paz, na espera operante que Deus seja tudo em todos” (C 8). Ao apresentar o Reino de Deus, Jesus também usa imagens da mostarda e do fermento (cf. Mt 13, 31-33), para revelar que o poder de Deus também se manifesta em ações e gestos aparentemente insignificantes, que têm a força para transformar a realidade. É na fé que podemos experimentar essa verdade.

#### O CARISMA XAVERIANO

**29.** Nós estamos convencidos de que nossa pequena realidade carismática, através da mediação de nosso Pai Fundador, é um dom do Espírito para a Igreja (cf. C 1). Esse dom exige de nós que ele seja guardado na verdade e na fidelidade: missão *Ad Gentes*, *Ad Extra* e *Ad Vitam*, vivida na consagração religiosa. Deus colocou em nós a Sua confiança e por isso, Ele nos confiou este dom.

Ao mesmo tempo, a concretização histórica do carisma não é estática, mas dinâmica, porque, a todo momento, novos desafios missionários devem receber novas respostas. Isso requer a união não fácil entre lealdade e criatividade. As palavras de Jesus esclarecem o caminho a seguir e as escolhas a serem feitas: “O Auxiliador, o Espírito Santo, que o Pai vai enviar em meu nome, ensinará a todas as coisas e fará com que lembrem de tudo o que eu disse ... Quando o Espírito da Verdade vier, Ele ensinará toda a verdade” (Jo 14,26; 16,13).

#### OS CONFRADES

**30.** Os confrades são o presente mais bonito que o Senhor nos dá. Não somos nós que escolhemos um ao outro, é ele quem nos reúne e nos torna um corpo para testemunhar uma nova vida de acordo com o Espírito. Cada um em sua particularidade, em sua especificidade cultural, linguística e de caráter ... (cf. C 37). O que nos une e nos torna irmãos é precisamente o fato de sermos discípulos do Senhor na vocação xaveriana particular. O nome ‘Xaveriano’ não é um acidente de percurso, mas é uma identidade que compartilhamos, aquilo que Deus desejou para cada um de nós.

A vida fraterna entre nós, vivida na interculturalidade, é o sinal mais claro e eloquente da verdade e autenticidade da nossa consagração missionária. A interculturalidade torna-se assim a nossa maneira de apresentar a verdade de Deus ao mundo.

#### O TESTEMUNHO DE FIDELIDADE E PROFÉCIA DOS CONFRADES.

31. Se nossa história de 125 anos de vida é linda, devemos isso ao testemunho de muitos confrades que viveram e continuam a viver uma “*comunhão de vida e de destino com os irmãos para os quais somos enviados, na partilha de seus problemas e de seu caminho de libertação*” (C 14). Foi, e ainda é hoje, uma admirável vida de fidelidade, e em muitos casos, também podemos dizer proféticas. As missões e os serviços missionários que nos foram confiados nos quatro continentes são um sinal evidente disso. O testemunho de vida consagrado à missão *ad gentes* e *ad extra* de muitos confrades nos encoraja a seguir, dia após dia, com confiança e esperança.

#### OS CONFRADES MÁRTIRES

32. Nossos confrades mártires merecem menção especial, porque derramaram seu sangue por amor a Deus e às pessoas a quem serviram com o poder do Espírito. Cientes do grave perigo que corriam, permaneceram em seu lugar, no lugar onde estavam. É o mais alto grau de fidelidade ao reino de Deus (cf. C 51). O testemunho de vida deles nos fala com a eloquência dos fatos da totalidade da consagração missionária. É o poder do Espírito que torna possível o que parece impossível aos olhos humanos e, evidentemente, há uma necessidade de fé.

A partir de outubro de 2018, conforme solicitado pelo XVII Capítulo Geral, estabelecemos um “Dia dos Mártires Xaverianos”, a ser comemorado na sexta-feira da segunda semana de outubro, durante o mês missionário. Na carta de apresentação dirigida a toda a Família Xaveriana, dois pontos foram sublinhados: agradecer a Deus pelo testemunho de fidelidade de nossos mártires e lembrá-los para crescer em fidelidade ao Evangelho e à missão *ad gentes* que a Igreja nos confiou (cf. também RMX 17). Nesta carta, dissemos: “*O fato de termos em nossa família confrades e co-irmãs que deram a própria vida, até o derramamento do próprio sangue no martírio, deve ser para cada um de nós um chamamento continuo, para prosseguirmos cada vez mais adiante na nossa consagração missionária, para darmos sempre algo a mais, para afastarmos de nós a tentação do comodismo e do esquecimento daquele ‘amor como era no princípio’ (cf. Ap. 2,4), da queda na mediocridade por uma mentalidade mundana, que rejeita o Projeto de Deus para com a humanidade inteira (cf. Ap. 3,15-16). Com certeza, sim o fato de fazermos memória dos*

*nossos mártires, é uma forma concreta para acolhermos o convite do Senhor a tornarmo-nos mais santos, como Deus nosso Pai é santo (cf. Mt 5,48; 1 Pt 1,15), na fidelidade ao carisma recebido”.*

## **Pontos fracos**

### **A VIDA DE ORAÇÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA**

**33.** A qualidade de nossa vida de fé está em jogo na oração. Devemos nos perguntar seriamente se a oração, como um profundo desejo do coração e da alma, nos acompanha diariamente em nossas *idas e vindas*, em nossas reuniões com os outros. De fato, é a oração, como comunhão com Deus, que nos torna mais humanos e nos leva a reconhecê-lo na humanidade.

Uma vida guiada por critérios e comportamentos mundanos, centrada em si mesma e sempre satisfeita com o mínimo, é um sinal claro da ausência de uma verdadeira vida de oração. No nível comunitário, às vezes nos conformamos com a recitação do ofício, com a rápida celebração da Eucaristia, quase como “um ritual a ser realizado”. Às vezes, isso está faltando em algumas comunidades! Continuamos sem sentir a necessidade de nos unir, de ouvir o Senhor Jesus, de compartilhar o que o Espírito nos sugere, de pedir perdão... Como missionários, somos tentados ao ‘fazer’, ao ativismo, a acreditar que nós somos os salvadores, a ponto de nos reduzirmos a fazer coisas em ‘nome de Deus’, mas sem Ele. E nos justificamos dizendo: “Não tenho tempo para essas coisas; nós somos missionários, não monges” Uma vida de consagração ao Senhor, onde a verdadeira oração não ocupasse o primeiro lugar, gradualmente se achataria na mediocridade (cf. *Ap* 2, 2-7; *C* 43).

### **IDENTIDADE XAVERIANA**

**34.** Trata-se de concretizar nossa identidade carismática em nosso compromisso missionário diário. O XVII Capítulo Geral disse: “*Embora ciente de que o objetivo único e exclusivo da Congregação é a proclamação do Evangelho aos não-cristãos (ver C 2), essa identidade carismática na prática nem sempre encontra uma interpretação compartilhada. Essa incerteza também se reflete na leitura do significado de ad extra e ad vitam*” (XVII CG, 28).

No nível dos princípios, quase todo mundo concorda. É no como e onde que as dificuldades são encontradas. O ponto mais problemático, e não é uma novidade na história de nossa família, diz respeito às interpretações subjetivas que relativizam na prática a união entre a missão *ad gentes* e a consagração religiosa. Isso muitas vezes leva a uma negação desta última.

Em alguns, essa negação é teorizada e praticada abertamente; em outros, é vivida “silenciosamente”, sem escrúpulos ou interrogações. É uma verdadeira e própria mutilação do carisma. Alguns exemplos: nós somos ‘bons missionários’, mas com uma administração privada dos meios e sem prestar contas; nós continuamos com projetos pessoais, realizados sem seguir as regras estabelecidas (cf. DGBT, 61-66); alguém se apega a um lugar ou atividade, estabelecendo-se e quase tomando posse, sem a disponibilidade necessária que leva em conta o projeto Xaveriano como um todo. Às vezes, olhando a realidade de nossa família, temos a impressão de que há uma importância exagerada no envolvimento pastoral-ministerial à custa das necessidades do Instituto e das dimensões próprias da vida consagrada. Uma dessas dimensões é a vida comunitária que, em alguns lugares, vemos reduzida ao mínimo, quando não completamente ausente.

Tudo isso fala claramente de um fraco senso de identidade xaveriana e, consequentemente, de pertencer à Família. É uma deficiência que enfraquece a força profética do nosso carisma.

#### INDIVIDUALISMO

35. “*Um defeito que aparece amplamente e é a causa da maioria das dificuldades é o individualismo*” (CARTA DG, *Exigências de nossa vocação missionária*, agosto de 1990, n. 38). Trinta anos depois que essas palavras foram escritas, devemos reconhecer que o individualismo continua presente na vida de nossa Família. É como um *vírus de computador* que entra e se espalha lentamente, infectando todo o sistema. Do mesmo modo, o individualismo age: é visto no excesso de protagonismo, agindo por conta própria, sem envolver os outros e sem informar, procedendo sozinho a ponto de considerar os confrades e a comunidade um obstáculo à sua própria realização. Na base de tudo isso está o EU, em maiúsculas.

É difícil morrer o próprio *eu* para fazer nascer o *nós* (cf. *Vida fraterna em comunidade*, 39). Preferimos continuar como se fôssemos eternos. No fundo, há o pensamento ‘a missão sou eu’, ou seja, começa comigo, continua comigo e terminará... (mas não pensamos nisso!). Nós não nos sentimos parte de um projeto comunitário, de um processo feito em conjunto, que requer tempo para pesquisa, reflexão e discernimento. Nós continuamos, desapegados do *Corpo* enquanto permanecemos no *Corpo*. Afinal, temos a impressão de que dessa maneira algumas pessoas usam a nossa família para “fins pessoais” mais ou menos nobres. De maneira clara: o individualismo é a expressão de um discipulado fracassado (cf. *Mc 8,34*).

## O AD GENTES

36. O XVI Capítulo Geral deixou claro: “*De fato, uma grande parte das nossas atividades são voltadas para pessoas e grupos humanos que já receberam uma primeira evangelização. Tal situação tem consequências (...), projetos atrelados a indivíduos e pouco orientados para um planejamento comum, fuga nas atividades pastorais genéricas mais gratificantes, porém menos impregnadas de força profética; dificuldades em deixar posicionamentos de suplência*” (XVI CG, 22). A diminuição da paixão pela missão *ad gentes* se deve à diminuição da intensidade da vida de fé. Isso, por sua vez, resulta na busca de um certo conforto, a preferência por ficar com o que se sabe e onde está, e, portanto, a falta de disponibilidade para a ‘saída de Abraão’, deixando de responder aos apelos repetidos dos últimos Capítulos Gerais para um reposicionamento urgente de nossas presenças missionárias (cf. XVI CG 33).

Aquilo que torna ainda mais problemática a situação é o fato que se justifica, até com raciocínios aparentemente ‘corretos’, esta falta de impulso missionário e se continua a permanecer no lugar onde se trabalha.

## O AD EXTRA

37. Conforme declarado pela RMX 12, o anúncio *ad extra* constitui para nós um esclarecimento adicional para o *ad gentes*. Tanto o XVI como o XVII Capítulo Geral localizaram essa dimensão constitutiva do nosso carisma entre os elementos de fragilidade que hoje nos caracterizam. “*Percebe-se uma certa resistência em alguns confrades em relação à dimensão do Ad Extra do carisma xaveriano; eles alegam a justificativa que a missão Ad Gentes pode ser realizada, também, na nossa pátria e cultura por causa da presença de não cristãos em todos os contextos geográficos*” (XVI CG, 23). Essa resistência também se manifesta na tendência de alguns confrades de considerar o anúncio *ad extra* como uma experiência *ad tempus*, ou seja, realizar um período limitado “em missão” e depois retornar permanentemente ao seu país. Assim, a mensagem profética do anúncio *ad extra* é frustrada, pois revela o plano de Deus para a humanidade que não conhece fronteiras, nem nacionalismos, nem limitações de tempo. Na visão de Conforti, o missionário é a personificação por excelência deste projeto (cf. XII *Discurso aos iniciantes*, 16 de novembro de 1924).

## A HUMANIDADE DOS XAVERIANOS

38. Para todos aqueles que desejam servir o Reino de Deus na Família Xaveriana, o Fundador pediu “*uma humanidade rica e equilibrada... sem*

*preclusões ou preconceitos em relação a pessoas, culturas, ambientes e métodos de evangelização*” (C 4). Infelizmente, porém, não é errado dizer que ‘o missionário é frequentemente o elo mais fraco da missão’, referindo-se às deficiências de sua maturidade humana. O xaveriano é chamado a alcançar gradualmente essa “humanidade rica e equilibrada” da qual Conforti fala.

Infelizmente, porém, muitas vezes há falta de vontade de trabalhar consigo mesmo, com atenção e constância, para superar ou administrar os limites da personalidade, talvez aproveitando a ajuda externa, tanto psicológica quanto espiritual. Mais concretamente, nos referimos a histórias pessoais não tratadas que muitas vezes levam a não estar em paz consigo mesmo, descontentes e zangados com o mundo inteiro; relacionamentos conflitantes não resolvidos ou dependência excessiva das figuras parentais; baixa ou excessiva autoestima; a falha em assumir os próprios limites e falhas que a vida e até o ministério missionário trazem consigo; delírios e fixações persecutorias, etc. Não é difícil, então, ver como os aspectos de uma vida que ainda não estão “reconciliados” ou harmonizados com a própria pessoa e com a vocação recebida, influenciam fortemente as relações interpessoais.

**39.** Daí as dificuldades de viver em comunidade, de nos aceitar fraternalmente, de falar bem dos confrades, de colaborar juntos no mesmo projeto, enquanto vivemos sob o mesmo teto. Às vezes, agimos mais por instinto do que por fé. E, portanto, continua sendo difícil passar de um plano puramente humano para o da fé, esquecendo que o *outro* também é a mediação da presença de Deus entre nós.

Essas situações, se não forem resolvidas, correm o risco de “desfigurar” a beleza do *rosto humano xaveriano*, contradizendo o conteúdo da Mensagem que trazemos. Nós nos perguntamos: uma vida consagrada a Deus, sem uma sólida base humana, como pode ser um testemunho de uma nova vida no Senhor Jesus? Para que serve? O nosso modelo continua sendo a humanidade de Cristo, o caminho humano por excelência para ir a Deus. A qualidade da humanidade do Xaveriano é, portanto, o primeiro ‘fundamento’ da qualidade de sua vida espiritual e apostólica (cf. C 58).

#### LIDERANÇA FRACA

**40.** Se tomarmos a metáfora de um time de futebol, vemos que o sucesso depende basicamente da sinergia entre dois fatores: os jogadores e o treinador. Se todos não fizerem sua parte, isso terá um impacto no resultado final. Este também é o caso de nossas comunidades. Os confrades e o superior constituem uma realidade com um único objetivo: viver fielmente o carisma e a consagração missionária.

Às vezes, no entanto, há uma falta de um ‘jogo em equipe’. Em alguns casos, são os confrades que compõem a comunidade que não colaboram. Em outras ocasiões, é o superior que não exerce bem seu serviço: tanto por falta de vontade, tanto para evitar conflitos, como para não desagravar ninguém; ou simplesmente porque, ao não encontrar colaboração, ele fica desanimado. Essa fraqueza da liderança produz inércia, individualismo e insatisfação que inevitavelmente levam a um achatamento da vida comunitária, em detrimento de seu testemunho missionário.

## D) Sinais dos tempos: oportunidades e desafios

**41.** No momento presente, é importante abrir os olhos para ver a realidade, à luz do carisma recebido e guiado pelo Espírito. As situações que nos desafiam tornam-se oportunidades e desafios que exigem discernimento e ação. Nós enfatizamos o que consideramos mais importante e urgente, sem por isso deixar de lado os outros.

### A mudança de época

**42.** Nós observamos com clareza e estamos assistindo como testemunhas em primeira mão não a “uma época de mudanças, mas a uma mudança de época” (Papa Francisco). Nós estamos entrando em uma nova realidade, diferente da que tem sido até agora: a ‘certeza’ do conhecimento científico, o mundo digital-tecnológico com a consequente mudança antropológica, a sensibilidade ecológica, as dimensões do fenômeno da migração, o subjetivismo, a problemática de novos modelos de família ... Uma nova época precisa de novas escolhas missionárias (cf. XVI CG 11).

### A parte da humanidade que ainda não conhece Jesus Cristo

**43.** Dois mil anos após a vinda do Filho de Deus entre nós, grande parte da humanidade ainda não o conhece. É neste contexto que se encaixa a finalidade única e exclusiva do nosso carisma. Localizados principalmente nos continentes da Ásia e da África (cf. XVI CG 53), aqueles que não conhecem a Cristo aumentam dia a dia também em países de tradição cristã (na Europa e nas Américas). Essas pessoas são a prioridade exclusiva que motiva nossa presença onde quer que estejam. Como xaverianos, não nascemos para ajudar a ‘preservar’ a fé dos cristãos, mas para anunciar o *kerygma* a todas

as pessoas que até agora não tiveram a oportunidade de ouvi-lo e, portanto, o aguardam nas profundezas de seus corações. Não esqueçamos que “*somos depositários dum bem que humaniza, que ajuda a levar uma vida nova. Não há nada de melhor para transmitir aos outros*” (EG 264).

## **A Igreja, povo de Deus (Lumen Gentium, capítulo II)**

**44.** O Concílio Vaticano II, na Constituição, Lumen Gentium afirmou que a Igreja é o povo de Deus. Os ministérios e carismas nascem neste povo santo e estão a serviço de sua missão. A consequência relevante para a missão da Igreja é que o sujeito dela é o inteiro povo de Deus e não somente os presbíteros, os religiosos e os missionários. É o Espírito que gera e desenvolve o desejo missionário em todo o povo de Deus.

Aplicando a afirmação conciliar a nós xaverianos, podemos afirmar que o carisma do bispo Conforti não termina no nosso Instituto, não é algo exclusivo para nós, mas é um presente para todo o Povo de Deus. Já vemos como é compartilhado por leigos e famílias (ver XVII CG 63-66) de vários continentes, embora de maneiras diferentes. Agora é uma questão de aproveitar esta oportunidade como um verdadeiro *kairós*, o que exige um compromisso mais determinado e convencido de nossa parte para fazer as mudanças que a nova situação exige. Nossa família xaveriana ‘carismática’ poderá assim enriquecer o serviço missionário da Igreja.

### **Uma nova maneira de ser missionário**

**45.** Nós deixamos de ser o centro da missão e de ‘suportar o peso’ da evangelização de um território específico que nos foi confiado, para nos colocar a serviço da Igreja local, que se tornou o principal sujeito da missão. Podemos considerar o primeiro modelo esgotado, pelo menos teoricamente. No entanto, em nossa *práxis* missionária, o novo modelo ainda não se manifestou completamente.

Além disso, nossa família está mudando de rosto. Por duas décadas, houve uma queda significativa nos números e um envelhecimento progressivo. Hoje, as jovens vocações xaverianas vêm das igrejas que servimos desde a década de 1950 e que, em muitos casos, continuamos a servir. Também testemunhamos uma participação mais direta dos leigos em nosso carisma.

Esses aspectos de nossa realidade - junto com outros - nos chamam para uma ‘nova maneira’ de ser missionários e de cumprir a missão. Como a história nos ensina, toda mudança de período exige um retorno corajoso

ao Evangelho, com um estilo de vida missionário que tem como modelo a prática histórica de Jesus Cristo e as primeiras comunidades cristãs. Esse estilo sempre exigirá uma pequena presença ‘temporária e nômade’, em ‘transição’, mas sempre marcada pelo testemunho de fé; presenças humildes, pobres, simples e úteis; vivenciadas com confiança na presença do Senhor entre nós, em estreita colaboração com os leigos e em encontro fraterno com o outro. Será um serviço missionário que se destaca por sua qualidade cultural, humana e espiritual (C 4), chamado a tornar-se luz e fermento no mundo e que dará testemunho do amor de Deus que precede toda palavra.

## **A Interculturalidade como a face de Deus**

**46.** *“Diante das oposições por questões étnicas, ideológicas ou xenofóbicas que podemos observar nos contextos em que operamos”* (xvi CG 19), a interculturalidade xaveriana vivida como um presente de Deus e, portanto, em fraternidade e complementaridade, se torna testemunho claro e eficaz do Reino de Deus. É um fato que podemos tocar com nossas mãos visitando muitas de nossas comunidades, compostas por confrades de vários continentes e/ou nações. Essa irmandade universal já nos fala da eternidade.

### III. Olhando para o futuro

47. Depois de agradecer ao Senhor pelo presente recebido (1<sup>a</sup> parte desta carta) e ver nossa resposta, identificamos algumas oportunidades/desafios que estão à nossa frente hoje (2<sup>a</sup> parte). Nesta terceira parte, tentamos olhar para o futuro com os olhos da fé. Existe essa profunda convicção em nós: estamos nas mãos de Deus, que “*nos amou primeiro*” (1Jo 4,19). Fazemos parte, por pura graça, do plano divino, uma vez que “*não foram vocês que me escolheram, mas fui eu que escolhi vocês. Eu os destinei para ir e dar fruto, e para que o fruto de vocês permaneça*” (Jo 15,16). Vamos andar e olhar para o futuro na fé e na esperança da promessa do Senhor: “*Eu sou o Senhor, o seu Deus, que ensino a você para o seu bem e o guio pelo caminho que você deve seguir*” (Is 48,17). Apoiados por esta Palavra, ouvimos o Senhor para discernir e entender o que Ele deseja de nós, missionários Xaverianos, neste momento histórico que estamos vivendo. O futuro é construído, levando em conta o passado e partindo do presente.

Agora, queremos destacar alguns pontos que acreditamos serem vitais para nossa família hoje e que já estão nos projetando para o futuro.

#### A) A clareza carismática

48. “*Chamo vossa atenção para o compromisso grave e solene que acabamos de assumir perante Deus e a Igreja. Nós devemos reconhecer toda a importância, e por isso devemos esforçarmo-nos para realizar as finalidades sublimes que nosso instituto se propõe alcançar, trabalhando com ardor sempre crescente na propagação do Evangelho em terras inféis, levando assim nossa pobre contribuição para a realização do vaticínio de Cristo, que deseja a formação de uma única família cristã que abrace a humanidade*” (CT 1). Hoje, pede-se a todos os xaverianos a mesma clareza carismática do bispo Conforti, ou seja, discípulos-missionários *ad gentes* e *ad extra*, na consagração religiosa, como indicado em nossas Constituições. Não existe e não pode existir espaço para qualquer ‘compromisso’ e, menos ainda, para a ‘mutilação’ do carisma. Ou existe o chamado do Senhor para viver a vida cristã nesta particularidade carismática em sua totalidade ou não existe vocação xaveriana.

Não existe e não pode existir um carisma *a la carte*, isto é, uma acomodação de sua essencialidade ao xaveriano individual.<sup>2</sup> A fidelidade ao dom recebido nas escolhas concretas da vida depende de uma claridade carismática. Essa clareza carismática “prática” deve ser verificada continuamente, principalmente em momentos de capítulos e assembleias, e na elaboração de projetos de vida comunitária. Nunca devemos ter isso como garantido.

O compromisso exclusivo com a evangelização dos não-cristãos expressa nossa maneira específica de seguir a Cristo e é concretizado na profissão dos quatro votos.

### **Voto de missão ad Gentes (C 17-19)**

49. Tendo o Reino de Deus como estrutura de ação, aceitamos pela graça “*como tarefa própria e exclusiva, a missão da evangelização dos não-cristãos*” (C 17). Esse *compromisso próprio e exclusivo* é o objetivo totalizador de nossa vida. Consequentemente, tudo o que um único Xaveriano faz (jovem ou velho, saudável ou doente, em um país ou outro), ou em uma comunidade Xaveriana é para isso: que Jesus Cristo seja conhecido e amado por aqueles que não o conhecem ou o amam ainda. Nesse *eixo central*, não pode haver rachaduras, porque eles tirariam a missão específica que nos é confiada. Estar satisfeito com uma pastoral genérica, sem a especificidade do nosso carisma, seria como um ‘adultério’: eu continuo com minha esposa, mas vou com outras mulheres. Como é possível viver desta forma?

Entre os não-cristãos, nossas preferências são para “*os pobres, os fracos, os marginalizados pela sociedade, as vítimas da opressão e da injustiça*” (C 9). Essas são as periferias humanas, existenciais e geográficas das quais o Papa Francisco costuma falar.

<sup>2</sup> «Recomendo-lhes, também, de terem sempre diante da mente a finalidade particular, única à qual orienta-se o nosso Instituto que é a dilatação do Reino de Deus entre os infiéis e que para esta finalidade devemos fazer convergir todas as nossas energias. Quem procurasse alcançar outras finalidades, mesmo boas se consideradas em si mesmas, diminuiria o espírito da própria vocação. Ninguém, portanto, se deixe confundir por outras luzes e lembremos que nesta unidade de objetivos colocamos o segredo da fecundidade do nosso Instituto. Nos consideremos como vítimas voluntárias pela conversão dos nossos pobres infiéis e que tenhamos sempre em alto valor as penas, os sofrimentos e as dores que vamos ter que enfrentar por causa tão santa seguindo o exemplo de tantos apóstolos generosos e mártires firmes que nos precederam no glorioso embate» (cf. *Carta Circular* n.7, Parma, 25 janeiro 1929).

Como também confirmado nos últimos Capítulos Gerais, é necessária uma revisão de nossa presença missionária para verificar se elas estão respondendo ao propósito carismático de nos alinhar ao audacioso projeto (ver XVII CG 33).

Do nosso modo pequeno, com nossas atividades e presenças simples, devemos poder continuar a dizer, com o orgulho e a alegria daqueles guiados pelo Espírito de Deus, que estamos colaborando ativamente na “*formação de uma única família cristã que abrace a humanidade*” (CT 1).

## Missão ad Gentes e voto de obediência (C 31-34)

50. “*Eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim para fazer a vontade daquele que me enviou*” (Jo 6,38). A consciência de Jesus do que ele ‘teve que fazer’ em sua vida também deve ser a nossa. Para os discípulos que estavam procurando por ele para que ele ficasse naquele ‘lugar’ onde as pessoas o procuravam, ele disse: “*Vamos para outros lugares, às aldeias da redondeza. Devo pregar também ali, pois foi para isso que eu vim!*” (Mc 1,38).

A missão que o Pai lhe havia confiado era clara em Jesus. Nada (família, amizades, simpatias, preferências particulares por um lugar ou atividade ...) poderia ter sido um obstáculo à realização de sua missão. Para ele, mesmo nas dificuldades, só importava ser fiel ao Pai. “*Pai, se queres, afasta de mim este cálice. Contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua!*” (Lc 22, 42). Ele era livre em Deus! Obedecer era um sinal de liberdade no Pai e amor por Ele.

O bispo Conforti vê em obediência a Deus o “*sacrifício do maior dom que ele nos concedeu na ordem natural: a liberdade*” (CT 6). E, desrespeitando esse voto, ele viu nada menos que “*os primeiros sintomas de uma dissolução mais ou menos distante da nossa humilde Congregação*” (CT 6). Isso diz o quão importante e indispensável o voto de obediência é para ele.

51. Para um xaveriano, esse voto é uma questão de amor e um sentimento de pertença. Ele deve ser vivido no relacionamento de amor e gratuidade com o Senhor e os irmãos. As nossas Constituições afirmam claramente: “*Oferecemos a Deus o direito de dispor livremente do curso de nossa vida e, em virtude do voto, nos comprometemos a submeter a nossa vontade às ordens dos Superiores legítimos, em todas as coisas que se referem à finalidade e à vida do Instituto, segundo as Constituições*” (C 34). Aqui são indicados dois aspectos: uma obediência ao Senhor na vocação para a qual Ele nos chamou, e uma liberdade de amor para estar sempre disponível onde nossa colaboração é necessária para realizar o projeto Xaveriano na Igreja. Esta é a força da obediência colocada ao serviço da missão *ad Gentes*. Não há

lugar para estilos de vida individualistas, desapegados do corpo xaveriano, ou para atividades missionárias privadas (compromissos, projetos, escolha de horários e lugares) que não surjam do sério discernimento comunitário e que não tenham a aprovação de superiores competentes.

## **Missão ad Gentes e voto de pobreza (C 25-30)**

52. *“Todos os que abraçavam a fé estamos unidos e colocavam em comum todas as coisas. Vendiam as propriedades e bens, repartiam o dinheiro entre todos, de acordo com a necessidade de cada um... ninguém considerava propriedade particular as coisas que possuíam, mas tudo era posto em comum entre eles”* (At 2, 44-45; 4, 32).

A vida religiosa, desde suas origens históricas e carismáticas, inspirou-se nessa palavra dos Atos dos Apóstolos para moldar o novo estilo de vida que estava nascendo na Igreja. Desde então, as passagens sobre as primeiras comunidades cristãs tornaram-se um modelo e ponto de referência para a vida religiosa de todas as idades.

O bispo Conforti escreveu: *“Amemos a pobreza, que é a primeira renúncia que Cristo exige daqueles que querem ser perfeitos e que se propõem segui-lo de perto. Ele quer reinar sozinho em seus corações e, portanto, ele exige deles a separação afetiva e efetiva de todas as coisas da terra”* (LT 4). “*“Separação afetiva e efetiva”* significa radicalidade para amar e servir ao Senhor com um coração indiviso e livre em relação aos meios materiais, onde somente ele pode reinar. *“Falta só uma coisa para você fazer: vá, venda tudo, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois venha e siga-me!”* (Mc 10,21): é assim que Jesus responde àquele homem que lhe perguntou o que ele tinha que fazer para obter a vida eterna. A pobreza é baseada na liberdade interior, em face dos bens materiais, para amar e seguir Jesus, como ele fez com o Pai.

53. As nossas *Constituições*, no n. 28, traça magistralmente o caminho da pobreza, aprovado pela Igreja para nós xaverianos, em suas modalidades concretas:

“A pobreza vivida comunitariamente exige:

- colocar em comum tudo o que possuímos;
- adotar um estilo de vida efetivamente pobre, escolhendo o que é pobre e convém aos pobres;
- submetermos à lei comum do trabalho;
- ter cuidado com as coisas comuns;
- prestar fielmente conta da nossa administração”.

Essas palavras foram inspiradas pelo Espírito Santo aos confrades reunidos no XI Capítulo Geral e, portanto, são palavras de vida, a serem amadas, apreciadas, observadas e encarnadas em nossas vidas diárias. Nelas, descrevemos a maneira xaveriana de acolher e viver concretamente o dom da pobreza que o Senhor nos dá para servir o Reino de Deus.

54. Os perigos que ameaçam nossa vida religiosa nessa área são numerosos. O principal está na base, quando nossa fé é colocada em bens materiais e não em Deus, esquecendo que os bens são meios e não o fim. Portanto, é claro que o apego a eles nega na prática a confiança incondicional no Senhor, colocando a si mesmos e os meios materiais no centro da missão (cf. o ‘meu’ dinheiro, os ‘meus’ benfeiteiros, os ‘meus’ projetos...). Assim, o coração se divide e um coração dividido prejudica a missão. E existem outros perigos igualmente destrutivos, filhos deste primeiro perigo: não colocar em comum tudo o que se recebe, à maneira de Ananias e Safira (cf. At 5, 1-11); não fornecer uma descrição verdadeira da gestão pessoal, esquecendo o princípio de “*limitação e dependência do uso dos bens*” (C 30); ter um estilo de vida que não é nada pobre, onde tudo é permitido e justificado; o que o bispo Conforti chama de “*uma pobreza opulenta, à qual nada faltasse do conforto da vida, certamente não poderia agradar ao Senhor e não seria a pobreza exercida pelos Apóstolos e pelos homens Apostólicos*” (ct 4). É a pobreza professada e vivida que torna nosso testemunho de missionários *ad gentes* mais credível.

55. É neste contexto que devemos ler o n. 29 de nossas *Constituições*: “*A nossa sociedade, além das casas para uso exclusivo dos missionários e das escolas apostólicas, não pode possuir bens estáveis de qualquer natureza*” Vamos ser sinceros: a condição para aceitar e viver pacificamente este artigo está em colocar em prática o que o artigo anterior nos pede que façamos. Se então o numero 28 é vivido na fidelidade e em sua beleza radical, com o que devemos nos preocupar? A eficácia e o sucesso de nossa missão nunca dependerão da quantidade de nosso dinheiro, mas da fidelidade ao estilo de vida que as *Constituições* exigem e da confiança na Providência (xvii CG 76).

O último Capítulo Geral indicou o caminho a seguir: “*Para vivermos um bom uso dos recursos e para alcançarmos o objetivo da nossa Família missionária pedimos às Circunscrições de encaminharem rumo à gestão do Caixa Comum Total. Esta exigência é fundamental em relação à pobreza segundo o Evangelho e, em particular, em relação ao nosso contexto de internacionalidade*” (xvii CG 86). Nada de novo comparado ao que é indicado nas *Constituições* no número 28. De fato, o fundo comum total é a realização prática deste artigo, que deve se materializar nos vários níveis: Comunidade local, Circunscrição e Instituto.

O Congresso dos Ecônomos das Circunscrições, realizado em agosto de 2019, foi um momento significativo para reafirmar a importância desse objetivo comum, que – dito sem exagero – faz parte de nossa identidade carismática. Não existe e não pode haver caminhos alternativos para o Fundo Comum Total. Como Direção Geral, estamos empenhados em continuar a animar o caminho para esse objetivo e pedimos a todos os confrades que façam a sua parte.

## **Missão ad Gentes e voto de castidade (C 20-24)**

**56.** “*Outros ainda não casam por causa do Reino do Céu*” (Mt 19,12), Jesus respondeu claramente a seus discípulos quando eles não entenderam seus ensinamentos sobre o casamento. Portanto, o voto de castidade tem o Reino de Deus como referência e estrutura de ação. Consequentemente, este último deve ser e parecer como o absoluto em nossa vida. Quanto mais forte o amor de Deus e a paixão por seu Reino, melhor o voto de castidade é vivido.

Existem dois elementos que o caracterizam de uma maneira particular: a liberdade afetiva e a capacidade de ‘gerar filhos e filhas’ para uma nova vida em Cristo.

**57.** O primeiro elemento fala da *primazia de Deus no coração humano*, que, consequentemente, será preenchido com tudo o que Deus ‘prefere’, com as pessoas e obras que o Senhor ama. O segundo diz respeito ao *sentido de paternidade* em nossas vidas, ou seja, o desejo e a capacidade de tornar nosso testemunho frutífero por meio da ação do Espírito. É a experiência missionária de São Paulo. “*De fato, ainda que vocês tivessem dez mil pedagogos em Cristo, não teriam muitos pais, porque fui eu quem gerou vocês em Jesus Cristo, através do Evangelho. Portanto, eu lhes dou um conselho: sejam meus imitadores*” (1Cor 4,15-16). A intensidade com que esses dois elementos são vividos fortalece e torna mais eficaz o nosso testemunho de missionários *ad Gentes*.

A vida comunitária também se torna um testemunho fecundo do Reino de Deus quando os membros que a compõem vivem o dom do voto de castidade com alegria, serenidade e sentido evangélico. Nós não somos solteirões! Somos irmãos chamados pelo Senhor a amar e ser amados, vivendo nele o serviço da missão de acordo com nosso carisma particular.

O dom recebido também deve ser mantido. “*Ai de nós*”, escreve o bispo Conforti, “*se não soubermos cuidar dessa joia preciosa, jogando-a miseramente fora. Com isso perderíamos toda graça na presença de Deus e dos Anjos, todo impulso para o bem, todo amor para a virtude e nossa*

*santificação estaria assim comprometida”* (CT 5). É bom ler e reler este n. 5 da CT em sua essencialidade que traz consequências concretas para a nossa vida.

**58. Os desvios** de fato neste campo podem ser variados. Se alguém não está centrado e enraizado em Deus, ele abrirá seu coração a uma mentalidade “mundana” que não pode entender o porquê, o valor e a beleza de uma vida vivida em castidade. Inevitavelmente, ele tentará encher seu coração com outros *deuses*, isto é, com compensações e substitutos de todos os tipos. Dessa maneira, o mundanismo não tardará em entrar e tomar posse de seus sentimentos, pensamentos e ações.

Não esqueçamos algumas manifestações dessa mentalidade mundana perversa na pessoa consagrada: diminuição progressiva da oração pessoal, diminuição da paixão pela missão *ad gentes* e *ad extra*, relativização do conteúdo dos votos, auto-referência, descontentamento e queixas permanentes, desordem na experiência da própria sexualidade, incapacidade de se relacionar serenamente com os confrades, pouca vontade de oferecer serviços, isolamento, apego a aparelhos e refúgio na rede, amizades ‘privadas’, tendência a aburguesar-se, administração do dinheiro privadamente, preguiça, tendência a criar seu próprio ninho...

“Se você conhecesse o dom de Deus, e quem lhe está pedindo de beber, você é que lhe pediria. E ele daria a você água viva” (Jo 4,10), diz Jesus à mulher samaritana. De nossa parte é necessário tomarmos consciência do grande dom que Deus nos concedeu quando nos pediu de vivermos castamente pelo Reino do Céu. É um dom para ser acolhido com gratidão, guardando-o, valorizando-o e testemunhando-o com a alegria de quem encontrou o tesouro (cf. Mt 13, 44). É uma tarefa a ser realizada todos os dias, com determinação e humildade.

**59.** Começamos esta terceira parte da carta enfatizando, para nossa família, a importância da “clareza carismática”, na qual os votos têm um valor fundamental e insubstituível. Vividos na alegria e liberdade, são sem dúvida um “dom”.

Mas **quanta tristeza** quando você percebe que alguns de nós experimentam esse “dom” como um fardo “insuportável” e em constante inquietação. Isso também pode ser visto nas frequentes tentativas de modelar estilos de vida incompatíveis com a escolha feita, ao mesmo tempo em que afirmam pertencer à família Xaveriana. Não negamos que, às vezes, o cansaço da vida cotidiana e a solidão surjam em nossas vidas, como na de todos. O próprio bispo Conforti fala expressamente disso no n. 3 da CT nos convidando a confiar em Deus. Como diria São Paulo: “*Deus é aquele que os chama, Ele é fiel e fará isso*” (1Ts 5, 24).

O Senhor, com certeza, não quer que seu chamado seja vivido em um estado permanente de sofrimento e mal-estar, ou em uma inconsistência contínua. Quando tudo isso se torna um *modus vivendi*, não poderia ser um sinal evidente de que Ele está convidando o irmão a escolher outro caminho na vida e na Igreja?

## B) Interculturalidade

60. *“Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. Apareceram então umas como línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem. Acontece que em Jerusalém moravam judeus devotos de todas as nações do mundo. Quando ouviram o barulho, todos se reuniram e ficaram confusos, pois cada um ouvia, na sua própria língua, os discípulos falarem. Espantados e surpresos, diziam: «Esses homens que estão falando, não são todos galileus? Como é que cada um de nós os ouve em sua própria língua materna? Entre nós há partos, medos e elamitas; gente da Mesopotâmia, da Judéia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e da região da Líbia vizinha de Cirene; alguns de nós vieram de Roma, outros são judeus ou pagãos convertidos; também há cretenses e árabes. E cada um de nós em sua própria língua os ouve anunciar as maravilhas de Deus!» Todos estavam admirados e perplexos, e cada um perguntava a outro: «O que quer dizer isso?»”* (At 2,1-13) E assim nasceu a Igreja! Obra do Espírito Santo. Uma única família na pluralidade de origens. Uma só língua na diversidade de línguas e culturas. Esse grupo reunido em Jerusalém deixou-se guiar pela força de Deus, pelo seu Espírito. Os Atos dos apóstolos - também definido como o *Evangelho do Espírito Santo* - narra do que eles foram capazes: fazer da diversidade de línguas, culturas e origens uma única comunidade de irmãos ... “até os confins da terra” (At 1,8).

O principal protagonista da ação missionária da Igreja e, portanto, de nossa Família Xaveriana, é o Espírito Santo, sempre pronto para agir nos corações que se permitem guiar. Para que isso aconteça, é necessária a docilidade de que o profeta Jeremias fala na imagem da “*argila nas mãos do oleiro*” (Jr 18,6). Manifestamos a glória de Deus quando nos permitimos ser modelados, treinados e guiados por Ele e não por critérios ‘humanos’.

**61.** Tudo isso encontra uma aplicação particular no campo da interculturalidade. Essa não é apenas possível, mas é o caminho desejado por Deus, o seu modo de se revelar à humanidade, para que todos sejam “*um coração e uma alma*” (*At 4,32*; cf. *Jo 17,21*). O outro, em sua especificidade cultural e linguística, é o irmão que o Senhor nos dá para construirmos juntos o Seu projeto de amor. Somos todos irmãos porque somos filhos do mesmo Pai.

A inculturalidade, pois, é antes de tudo uma escolha fundamentada na fé e exige uma continua conversão. Mais a fé for forte segundo a imagem da parábola daquela figueira à qual se pode dizer com plena confiança: “*Arranque-te pelas raízes e vá se plantar no mar. E ela obedeceria*” (*Lc 17,6*), mais fácil será a realização dessa vontade de Deus.

O XVI CG afirmou que “*a universalidade e a interculturalidade constituem um desenvolvimento da semente do carisma que o Fundador tem desejado e abençoado*” (79)... e “*revela-nos o verdadeiro rosto de Cristo e faz-nos compreender melhor a missão da Igreja ... Estamos dentro do coração da espiritualidade xaveriana, a nossa internacionalização expressa o projeto de fazer do mundo uma só família em Cristo que morreu e ressuscitou “para reunir os filhos de Deus que estavam espalhados por toda parte (Jo 11,52)*” (XVI CG, 85).

Portanto, não é exagero quando se diz que a interculturalidade não é uma estratégia ou moda de nosso tempo, mas um aspecto indispensável do DNA do carisma xaveriano e uma virtude missionária indispensável a ser adquirida. Não é por acaso que nossa RFX, no capítulo dedicado aos *princípios educacionais fundamentais*, diz no n. 92: “*A capacidade de viver numa comunidade intercultural torna-se critério de discernimento vocacional e deve iluminar, além da vida cotidiana da comunidade e da Família Religiosa Xaveriana, todo o caminho da Formação*”

**62.** Portanto, como membros de nossa família, acolhemos com alegria o convite do Senhor para colaborar com ele na realização deste grande sonho. Nós devemos derrubar com força e coragem os muros de preconceitos e das preclusões, de complexos de superioridade ou inferioridade, de indiferença, nacionalismos e diferenças étnicas... todas as barreiras que, infelizmente, de uma maneira diferente, ainda estão presentes entre nós. E vamos nos abrir todos os dias à novidade enriquecedora que o Senhor nos oferece por meio da mediação do confrade mais próximo de nós. Quanto mais a identidade carismática xaveriana for forte e enraizada em nossas vidas, mais interculturalidade será mais fácil de viver e mais será um sinal da fraternidade universal que vivemos e anunciamos em nosso trabalho missionário. Como tudo isso é o ‘sonho de Deus’, vamos deixar Deus agir!

## C) Repositionamento (cf. XVI e XVII CG).

63. Os dois últimos Capítulos Gerais colocaram a necessidade de ‘repositionamento’ no centro de nossa pesquisa, reflexão e prática missionária. Repositionar para recomeçar a partir do primeiro anúncio, o fim único e exclusivo de nossa família Xaveriana. Ao longo dos anos, certas presenças e modos de viver a missão *ad gentes* precisam de verificação, em vista de um repositionamento ousado, tanto em termos de estruturas, lugares que também de mentalidade. Acontece como o pó, que lentamente, sem perceber, se instala em todos os lugares e cobre o que encontra. Por isso, também nos instalamos frequentemente em estilos de missão que nos levaram gradualmente a ‘sufocar – ocultar’ a criatividade, o entusiasmo, a visão profética e a especificidade inerentes ao nosso carisma missionário. E tudo isso às vezes nos impede de responder adequadamente às necessidades da missão *ad gentes* hoje. Precisamos fazer uma boa limpeza.

Em nossa opinião, existem três áreas em que é necessário um repositionamento ousado, o que só é possível com a confiança na ação do Espírito.

64. O primeiro diz respeito aos locais de ação de nossa presença missionária. Vamos nos perguntar objetivamente: esses lugares realmente respondem ao propósito pelo qual a Igreja ‘nos deu o ok’? Objetividade aqui significa prestar atenção à realidade local e à do Instituto, deixando de lado o componente emocional mais ligado a ‘interesses’ ou ‘necessidades’ pessoais do que a um projeto comum.

Em algumas circunscrições, vemos sinais encorajadores. Foram feitas escolhas concretas, tentando responder da melhor maneira possível ao carisma xaveriano. Outras circunscrições tomaram esse tema como objeto de reflexão em suas Assembleias e/ou Capítulos, na perspectiva de escolhas mais coerentes com o projeto Xaveriano. Em outras ainda, vemos que é difícil. Dão-se voltas ao redor da realidade problemática como o cachorro que se morde o rabo e inventa-se formas de “sobrevivência” nos lugares onde estamos presentes. E há um fator que une todas as Circunscrições: a diminuição e o envelhecimento dos membros. Isso muitas vezes nos obriga a deixar presenças, motivadas - diríamos quase obrigadas - infelizmente mais pela situação em que nos encontramos do que por uma escolha racional e discernida.

65. Damos uma menção especial à administração das chamadas paróquias e/ou unidades pastorais/territoriais, ao que em nossas visitas estamos

definindo ‘paróquias missionárias xaverianas’. Na história de nosso trabalho missionário, fundamos e/ou servimos centenas de comunidades cristãs em diferentes contextos e realidades eclesiais. Atualmente, administramos cerca de 80 comunidades paroquiais, sem mencionar as outras formas de colaboração pastoral em que estamos presentes. Esta é uma parte significativa do campo missionário que o Senhor coloca em nossas mãos para que Ele possa ser conhecido, amado e seguido. E devemos fazê-lo com o conteúdo e a sensibilidade de nossa identidade xaveriana. O que isto significa? É uma questão de saber transmitir a essas comunidades o dom que recebemos do Senhor através do carisma do bispo Conforti. Concretamente: a paixão pelo Reino de Deus que se expressa na proclamação do Evangelho àqueles que não o conhecem e fora de sua própria cultura e igreja de origem; o amor preferencial pelos mais pobres; a abertura ao outro (diálogo intercultural e inter-religioso); o estilo de vida fraterno e a gestão sinodal do projeto pastoral missionário; a ministerialidade; uma abordagem pastoral totalmente vocacional, com especial atenção ao compromisso missionário que preocupa todo crente. Por último, mas não menos importante, é o envolvimento da comunidade cristã na vida da Família Xaveriana: eventos e celebrações do Instituto; formação na espiritualidade xaveriana; conhecimento de nossas missões e dos confrades que lá trabalham; apoio à formação de comunidades; promoção de grupos de amigos, benfeiteiros e/ou leigos xaverianos.

**66.** Devemos superar essa mentalidade e prática, ainda presentes em muitos xaverianos, que separam artificial e indevidamente a vida da diocese, da igreja local, da paróquia e dos xaverianos. Não pode haver dicotomia em nós: onde estamos, inseridos na Igreja local, estamos com uma única identidade, a Xaveriana. Se não trouxemos nossa Xaverianidade à Igreja local, traímos nosso carisma e empobrecemos a própria Igreja local. De fato, os primeiros beneficiários do carisma que recebemos são as pessoas com quem o Senhor nos apoia e nos confia onde quer que estejamos. Desse modo, nossa presença ajudará a Igreja local a se envolver cada vez mais no serviço missionário universal (cf. C 10).

Claro, tudo isso não é fácil! Mas é no ‘repositionamento’ que a importância do nosso carisma se manifesta nessa mudança de época. Precisamos, repetimos, de total confiança. Naquele que fixou seu olhar de amor em nossa família, para nos confiar uma tarefa específica na única missão da Igreja. É Ele quem guia os nossos passos. E sabemos que “os que esperam no Senhor renovam suas forças, criam asas, como águias, correm e não se fatigam, podem andar que não se cansam” (Is 40,31).

67. O segundo campo de ação se inspira na **imagem do corpo** usada por São Paulo na carta aos Coríntios no capítulo 12. Nos referimos à consciência de ser ‘um só corpo’ (cf. ct 9, onde Conforti fala da mesma família, união de mentes e corações...) que implica colaboração mútua, respeito e ajuda mútuos, compartilhamento; em uma palavra, a mentalidade de comunhão que deve guiar nosso caminho, como um Instituto.

Para incentivar tudo isso, o XVII CG, insistindo no reposicionamento, solicitou à Direção Geral “que convocasse uma reunião dos Superiores Regionais em nível continental durante seu mandato” (95). Este é o COSUMA continental, cujo objetivo principal é justamente pensar na presença xaveriana em nível de continente como um todo, saindo da ‘concha’ de cada país. É neste contexto de espírito de corpo e de ‘união de intenções’ que se deve pensar em possíveis reconfigurações territoriais, fusões ou mudanças de status legal, conforme exigido pelo XVII CG 92, planejando e apoiando uma maior colaboração no campo da ação missionária, da formação básica e permanente, da animação missionária e vocacional e da economia.

68. O terceiro setor de reposicionamento diz respeito às **estruturas** que possuímos (XVI CG 32; 76-77). Elas foram criadas para responder a necessidades concretas, como treinamento básico ou outras necessidades da vida xaveriana. A pergunta que fazemos a nós mesmos é se elas - hoje - respondem aos propósitos para os quais foram construídos e se ainda somos capazes de mantê-las. Na prática: elas ainda atendem às necessidades atuais de um serviço de missão *ad gentes* e *ad extra*?

A resposta a essas perguntas requer objetividade, clareza, capacidade de análise crítica do momento atual, olhar profético e coragem evangélica, renunciando ao particularismo ou à auto-referência. Uma estrutura é válida se servir aos propósitos do nosso Instituto. Mas, no discernimento, é preciso considerar também se é possível gerenciá-la e mantê-la, tanto em termos de pessoal quanto de recursos econômicos. Se não fosse esse o caso, seria necessário pensar em estruturas, certamente mais simples, mais ágeis e adequadas às possibilidades reais da Circunscrição.

#### **D) A família carismática xaveriana**

69. A expressão “família carismática” é relativamente recente, embora a realidade a que se refere seja de tradição antiga na igreja. Ela foi usada pelo Papa Francisco em 2014, na Carta Apostólica a todas as pessoas consagradas

por ocasião do Ano da Vida Consagrada, quando ele fala dos horizontes deste ano. “Com esta minha carta, além às pessoas consagradas, dirijo-me aos leigos que, com elas, compartilham ideais, espírito, missão. Alguns Institutos têm uma antiga tradição neste sentido, outros têm uma experiência mais recente. De fato, ao redor de toda família religiosa, como, também, ao redor das Sociedades de vida apostólica e aos mesmos Institutos seculares, está presente uma família maior, a ‘família carismática’ que engloba mais Institutos que se reconhecem no mesmo carisma e, sobretudo, agrupa os cristãos leigos que se sentem chamados, dentro da própria condição de leigos, a participarem da mesma realidade carismática” (III.1).

70. Novamente, o Papa Francisco, recebendo em audiência a família carismática Camiliana, explicou claramente seu significado: “A partir do carisma suscitado no começo em São Camillo, várias realidades foram se constituindo no tempo; estas realidades formam hoje uma única constelação, ou seja, a ‘família carismática’ composta por religiosos, religiosas, consagrados seculares e fieis leigos. Nenhuma destas realidades é, por si só, depositária ou proprietária única do carisma, mas todas elas o recebem como um dom, o interpretam e o atualizam, de acordo com a própria específica vocação, nos diversos contextos históricos e geográficos. No centro é o carisma originário que permanece, como uma fonte perene de luz e de inspiração que vem lido e encarnado de forma dinâmica nas diferentes modalidades. Cada uma das várias realidades, oferece às outras num intercâmbio recíproco de dons, que enriquecem a todos, em vista do bem comum e em vista de uma atuação da mesma missão. Qual é? É a missão de testemunhar em todos tempo e lugar o amor misericordioso de Cristo aos doentes” (18 de março de 2019).

71. E o que podemos dizer sobre nossa família? Como já foi dito, o carisma que recebemos é um dom para o povo de Deus, que o acolhe e vive de acordo com sua vocação específica (religiosa e leiga). E para que isso aconteça, é necessária a colaboração mútua, da família, respeitando a própria identidade e autonomia.

Partindo do que emergiu em nossa família Xaveriana por algumas décadas, e sendo testemunhas da ação do Espírito em nossos dias nos diferentes países e contextos em que estamos, acreditamos que devemos avançar de forma decidida e convicta nesta área.

Esta não é uma tendência atual, mas um verdadeiro *kairós*. É o Espírito que abre novos caminhos, novas maneiras de encarnar o carisma único de Conforti, como religiosos, leigos, famílias missionárias, pertencentes a uma única Família carismática xaveriana. Retomando a pergunta do

Papa Francisco, nos perguntamos: qual é a ‘mesma missão’ para a família carismática xaveriana? Testemunhar em todo tempo e lugar o anúncio da Boa Nova do Reino de Deus, que é Jesus Cristo, para aqueles que não o conhecem (cf. RF 1; C 2, 9, 17).

72. Pensando no futuro, podemos imaginar essa realidade da Família Carismática Xaveriana como uma grande árvore cuja raiz fundadora e criativa é apenas uma: a experiência espiritual de nosso Pai Fundador, o bispo Conforti. Por muitos anos, nós religiosos, padres e irmãos, fomos os primeiros a incorporar esse carisma. Outros “galhos” se desenvolveram gradualmente nessa árvore. Esta é uma realidade que acolhemos como sinal dos tempos, isto é, do reino de Deus (cf. Mt 16,2-3; GS 4 e 11). Isso requer nossa abertura da mente e do coração, envolvimento e criatividade. Não sabemos aonde essa nova realidade nos levará; só podemos vislumbrá-la com os olhos da fé. Nós estamos convencidos de uma coisa: é uma luz que vem do Espírito; luz que nos enriquece e revigora a missão *ad gentes* e *ad extra* da Igreja. Saibamos como acolher e responder a esse sinal dos tempos.

## Conclusão

73. “*Pois o Deus que disse: «Do meio das trevas brilhe a luz!» foi ele mesmo que reluziu em nossos corações para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo. Todavia, esse tesouro nós o levamos em vasos de barro, para que todos reconheçam que esse incomparável poder pertence a Deus e não é propriedade nossa*” (2Cor 4,6-7). Nós somos guardiões, por pura graça divina, de um grande dom: levar Jesus Cristo àqueles que ainda não o conhecem. O bispo Conforti queria que esse presente fosse aceito e vivido por seus filhos “*presentes e futuros*” na profissão de voto religioso (CT 2). Essa é a vocação particular xaveriana. A celebração do ano jubilar, cem anos após a aprovação das primeiras Constituições, convida-nos a revigorar urgentemente o compromisso missionário *ad gentes* e *ad extra* na consagração religiosa que um dia professamos diante de Deus na Igreja. Para realizar a obra de evangelização que nos foi confiada, nosso sim está convencido do que somos na Igreja e confiante na promessa do Senhor.

Tornamos nossas as palavras de São João Paulo II: “*O nosso tempo, com uma humanidade em movimento e insatisfeita, exige um renovado impulso na atividade missionária da Igreja. Os horizontes e as possibilidades da missão alargam-se, e é-nos pedida, a nós cristãos, a coragem apostólica, apoiada sobre a confiança no Espírito. Ele é o protagonista da missão!*” (RMI 30).

---

74. Estamos testemunhando uma mudança de época que requer principalmente duas atitudes. Antes de tudo, a fidelidade ao chamado específico do Senhor feito a cada um de nós, o que nos orgulha da vocação recebida. Em segundo lugar, ouvindo a realidade; escuta que implica criatividade e lucidez profética, a fim de responder aos sinais dos tempos que estão surgindo e que devem ditar a ‘agenda’ da missão *ad gentes* e *ad extra* da Igreja hoje.

Para isso, é necessário desenvolver em nós uma visão contemplativa do mundo criado e amado por Deus e, ao mesmo tempo, uma grande docilidade ao leve sussurro do Espírito (cf. 1Re 19,9-13). Tudo isso vivido como xaverianos com uma personalidade rica em humanidade.

Desejamos uns ao outros um feliz e frutuoso ano de jubileu!

Fraternamente.

“Que nosso Senhor Jesus Cristo seja conhecido e amado por todos!”

São Guido M. Conforti e San Francesco Xaveier, *rogai por nós!*

*Os confrades da Direção Geral*

Fernando García Rodríguez sx

Mario C. Mula sx

Eugenio Pulcini sx

Fabien Kalehezo T’chiribuka sx

Javier Peguero Pérez sx

Roma, 2 de julho de 2020

*Início do Jubileu Xaveriano, ano 2020 – 2021.*



**CDSR** Centro Documentazione  
Saveriani Roma

Missionari Saveriani  
Viale Vaticano 40 – 00165 Roma



Giubileo Saveriano  
2020–2021